

**COLUNA**

**CONTAS DE MISSANGA: LITERATURA E ARTES PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES**

**Alessandra Gomes da Silva**

**Dois livros e um curta: três obras para falar sobre negritude com as crianças**

“E os pensamentos dos pequenos, como surgem? Com olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem.”

(Amora, Emicida)

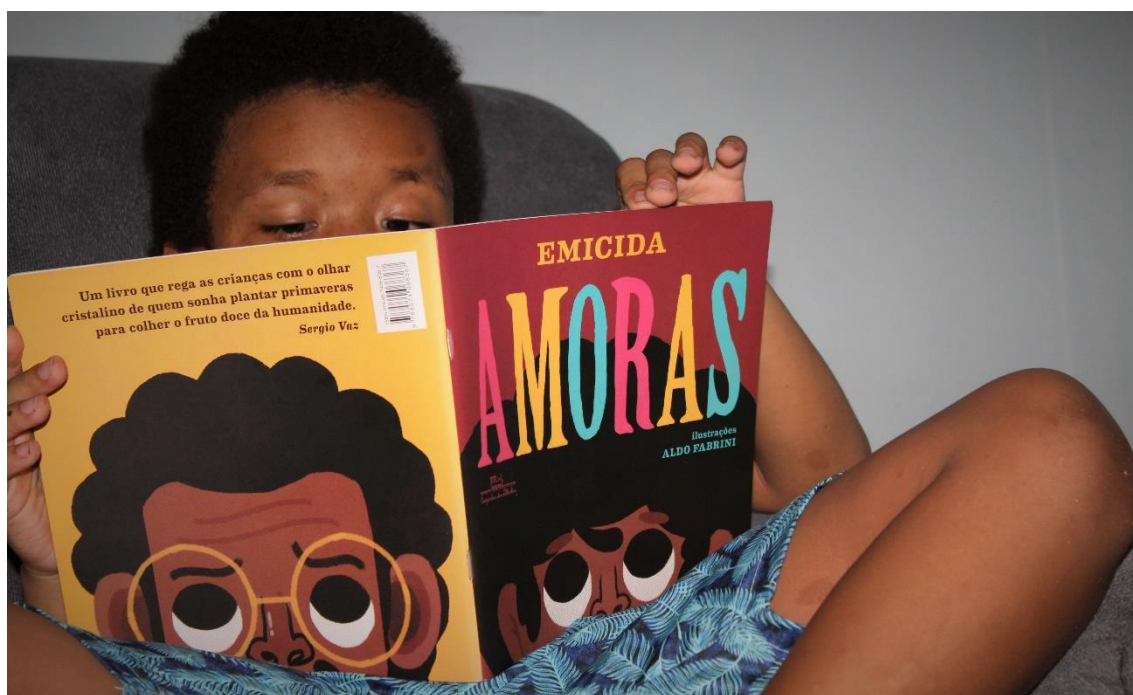


Foto: Nágila Oliveira

**S**abemos que, infelizmente, o racismo no Brasil ainda funciona de forma estrutural. Apesar dos avanços inegáveis alcançados, sobretudo, no campo educacional dos últimos anos, principalmente a partir da lei de cotas, ainda há muito o que ser feito para garantir que os direitos adquiridos consigam se efetivar em uma transformação do papel do negro em nossa sociedade. Nesse contexto, acreditamos que seja vital repensar formas de inserção do negro na educação. Para isso, escolhemos três produções recentes que mostram modos de

experienciar a negritude em diferentes meios artísticos. Em meio a essas complexas estruturas de poder, que, em sua maioria, recaem como opressoras dos sujeitos negros, há uma tentativa de resistência e transformação dessa condição adversa por meio da arte, e, em nosso texto, das produções voltadas para as crianças.

É uma tentativa de romper com o silêncio e a invisibilidade que recai sobre esse grupo. Nesse sentido, uma estratégia utilizada é o que Djamila Ribeiro (2017) conceitua como lugar de fala. Ressaltamos que esse lugar de fala não é o espaço para afirmar experiências individuais, mas para reafirmar como um espaço requerido a partir da ocupação de um determinado lugar social, tendo um conjunto de experiências partilhadas por esse grupo. É com base nessas vivências partilhadas que grupos podem exigir um lugar enquanto sujeito de experiência, bem como uma tentativa de sair da condição de “objetos de pesquisa” para a de “sujeitos pesquisadores”, autores de suas próprias histórias. Assim, em todas as produções escolhidas, há o olhar de artistas negros, como forma de dar visibilidade à produção existente.

É essa busca por romper com os clichês e estereótipos que consideramos uma tomada de posição. Para a autora, torna-se fundamental “desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar” (2017, p.19). É promover uma ruptura no modo de contar histórias que muitas vezes se colocam como “universais”, sem reconhecerem que falam apenas de si, encobrendo outras vozes (RIBEIRO, 2017, p. 19). A autora continua, “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos” (RIBEIRO, 2017, p.20). É essa possibilidade de propor outras invenções/intervenções criativas para repensar artisticamente a participação do corpo negro, suas ações e imagens que gostaríamos de propor por meio dessas aventuras selecionadas.



A primeira produção seria o livro infantil “O meu cabelo crespo é de rainha” (2018), da autora Bell Hooks, com ilustrações Chris Raschka. Ele narra de forma leve a relação de uma menina com seu cabelo. A história mostra diversas possibilidades de utilizar o cabelo crespo, sempre de modo descontraído e sensível. Há em algumas edições a possibilidade da criança ilustrar a seu modo o próprio livro. Braga (2019) traz um relato de experiência abordando a importância da utilização do texto de Hooks com alunos de uma creche na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo foi de tentar trazer para o cotidiano da escola práticas que valorizassem o corpo e a imagem

do negro, ainda com crianças de apenas seus quatro anos. Assim, tornou-se visível durante o relato da autora a transformação da autoimagem desses pequenos alunos. Como o contato com os livros pode não ser tão frequente nas casas dos alunos, a escola se torna o principal caminho para reverberar outras

possibilidades de inserção do negro. Dessa forma, podemos destacar a importância de ter um trabalho educativo para além dos muros da própria escola, incluindo a família e a comunidade.



Cena da animação Hair Love. Foto: Reprodução

Tendo como fio condutor ainda o tema do cabelo, tem-se o curta metragem “Hair Love” (2019), escrito pelo ex-jogador de futebol americano e agora produtor Matthew A. Cherry e ilustrado por Vashti Harrison. Na animação, o pai tem que aprender a pentear o cabelo da filha, já que a mãe não se encontra presente. O vídeo pode ser facilmente encontrado no YouTube, no site Geledes<sup>1</sup>, por exemplo. Voltando ao assunto dos estereótipos, o filme oportuniza a possibilidade de repensar os papéis sociais, já que, muitas vezes, acabam direcionando à mãe quase que exclusivamente o cuidado com os filhos. A mãe é quem precisa de cuidados e o apoio do companheiro, inclusive nas tarefas domésticas, permite abordar diferentes temas por meio de uma relação familiar bastante afetiva. É esse outro olhar, por vezes, com mais empatia e orgulho, que deve ser estrategicamente reforçado para que possamos desconstruir visões racistas engessadas em nossa sociedade.

Nesse sentido, chegamos a nossa última sugestão, que recai no belo texto de “Amoras” (2018), do cantor Emicida. Também trazendo a relação entre um pai e sua filha, o livro surge primeiro como uma letra de música de mesmo nome, que

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.geledes.org.br/animacao-fofa-mostra-um-pai-afro-americano-aprendendo-a-pentear-o-cabelo-da-filha-pela-primeira-vez/> . Acessado em 26/01/2020.

começa com os versos “*Veja só, veja só, veja só, veja só/ Mas como o pensar infantil fascina*”, para terminar com “*Luther King vendo cairia em pranto/Zumbi diria que nada foi em vão/E até Malcolm X contaria a alguém*”(…), enchendo de referências negras as histórias para os pequenos. Meninas negras e inteligentes, formulando suas próprias explicações sobre o mundo. Assim, a letra se transformou em narrativa, que recebeu ilustrações de Aldo Fabrini. Explorando a relação sonora, o livro lembra as narrativas orais, as mesmas que acabam sendo repetidas por diversas vezes durante a infância dos pequenos. É uma forma de as crianças reafirmarem uma imagem positiva de si, tanto pelo apelo visual do livro, como do texto direcionado aos pequenos leitores.

Argumentamos, por fim, que essa possibilidade ficcional, nos permite transpor limites, impostos socialmente e tencionar antigas hierarquias sociais que reproduzem estruturas racistas em nosso cotidiano, definindo modos de ser, de sentir e de representar, reduzindo grupos a imagens quase sempre lhes imprimindo características rasas, estigmatizadas. Assim, cabe a ficção, então, desconstruir preceitos estabelecidos, inertes a mudanças e gerar alternativas de mundos possíveis. Nesse sentido, reafirmamos que o trabalho a partir das crianças se mostra rico em possibilidades.

### Referências Bibliográficas

BRAGA, A. de O. Nosso crespo é de rainha. Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 32, nov. 2019.p. 1-10.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. Editora: Companhia das Letrinhas, 2018.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações de Chris Raschka; [Nina Rizzi]. São Paulo: Boitáta, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

### Alessandra Gomes da Silva



Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC - Rio. Tem mestrado pelo mesmo programa, com a dissertação "Por uma poética dos sentidos: a literatura no contexto da surdez" (2016). Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. Desde 2006, é professora de Ensino Básico e Educação Tecnológica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Tem interesse na interseção dos seguintes temas: acessibilidade e diversidade cultural, narrativas audiovisuais, leitura, literatura e surdez.